

Introdução à teologia de Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

No presente texto, intencionamos fazer uma introdução à teologia de Tomás de Aquino e optamos por fazê-la, começando por acentuar a distinção que o Aquinate faz entre as duas ordens do conhecimento das coisas divinas que nos é dado obter nesta vida. Entretanto, antes de tudo, e como adinículo para o desenvolvimento da nossa pretensão, adrede, arrolaremos os fatos mais marcantes da vida e da educação de Tomás, bem como a origem das suas principais obras, as duas *Sumas* e o *Compêndio* e a ditosa sorte que a sua obra logrou no seio da Igreja, sendo ininterruptamente recomendada pelo *Magistério eclesiástico*. Feito isto, começaremos abordando a questão de como chegamos a Deus através das duas *vias*: a das *criaturas* e da *razão* e a da *fé* e do *dogma*. Ademais, mostraremos como, de fato, estes caminhos nos dão acesso a duas ordens de verdades distintas acerca da *verdade primeira e simplicíssima* em si mesma (*quoad se*), fundando, destarte, duas ciências também distintas, embora não separadas: a *teologia natural*, que a *razão elabora* e que é a *coroa da metafísica e ápice do conhecimento natural humano*, e a *teologia revelada*, que parte do *dogma*. Esforçar-nos-emos por ressaltar a *superioridade* da teologia revelada sobre a teologia natural e como, longe de entrarem em contradição, harmonizam-se e complementam-se. Além disso, tentaremos salientar as vantagens que há quando a filosofia obedece e se coloca a serviço de uma ordem teológica, sem, contudo, perder os procedimentos que lhe são próprios. No desenrolar do texto, prosseguiremos mostrando como Tomás distingue o *ato de fé* da *ciência da fé*, que é a teologia, e como a sua concepção de *teologia como ciência*, de resto, muito mais rica que a nossa, pode ajudar-nos a pensar o lugar do pensamento teológico no âmbito *apologético*. Em seguida, passaremos às considerações deste intróito desprezioso à teologia do Aquinate.

Na nossa abordagem, privilegiaremos, entre as obras do autor – em ordem cronológica –, as seguintes: a *Summa contra Gentiles* (1258 a 1264), na tradução brasileira de Odilão

Moura, revista recentemente (1996) pelo Prof. Dr. Luis Alberto De Boni; a *Summa Theologiae* (1266-1274) – obra-prima do autor – máxime na sua “*Prima Pars*”, composta entre os anos 1266 a 1272. Transitaremos por ela na nova tradução brasileira que recebeu – empresa de fôlego das *Edições Loyola* – e que resultou no aparecimento de nove volumes, entre os anos de 2001 a 2006. Finalmente, frequentaremos o opúsculo teológico *Compendium Theologiae*, dedicado ao *socius frater* Reginaldo Piperno e que permaneceu inacabado, posto que Tomás fora surpreendido pela morte; sua tradução ao vernáculo foi outra obra de alento de Odilão Moura (1977). Também lançaremos mão de *La Philosophie au Mon Âge. De Scot Érigène à Guillaume d’Occam* (1922), na versão modificada – *La Philosophie au Mon Âge. Dès Origines Patristiques à la Fin du XIV* – de 1944. A tradução que seguiremos, no caso, será a brasileira, feita por Eduardo Brandão e lançada pela editora *Martins Fontes*, em 1995: *A Filosofia na Idade Média*.

Passemos aos fatos mais marcantes da vida e da espiritualidade de Tomás

1. A vida

Tomás nasceu em Roccasecca, reino de Nápoles, condado de Aquino, em 1225. Alguns historiadores dizem que a região na qual Tomás nasceu pertencia ao reino da Sicília. Filho de nobres, seu pai era o conde Landolfo Aquino, teve sua primeira iniciação às letras no mosteiro de Monte Cassino. Lá, de 1230 a 1239, foi acompanhado pelo seu tio paterno, o abade Sinibaldo. Em 1239 transferiu-se para a Universidade de Nápoles, onde conheceu os Frades Pregadores (Dominicanos), ordem religiosa que havia sido fundada recentemente, em 1215, por Domingos de Gusmão. Em 1244, o jovem Tomás fez-se membro desta ordem. Ao ter que se transferir para Paris, a fim de completar os seus estudos, sofreu por parte da família forte resistência. Seus irmãos¹ o sequestraram, tentando de todas as formas evitar o seu ingresso na Ordem. Chegaram ao ponto de enviar-lhe, certa noite, uma mulher – prostituta mui sedutora – para arrancar-lhe a vocação. De acordo com algumas narrativas, o jovem tê-la-ia posto em fuga com um tição que havia tirado da lareira.² Retomando a caminhada a Paris,

¹ Tomás era o filho mais moço de uma numerosa família: três filhos do primeiro casamento de Landolfo (Landolfo casara-se com Teodora) e quatro filhos e cinco filhas do segundo.

² NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992. p. 13: “Tomás foi obrigado a residência vigiada por mais de um ano, durante o qual sua família tentou de tudo um pouco para

na companhia do mestre geral da Ordem, João, o Teotônico, aí chegou por volta do ano 1245 e tornou-se discípulo de Alberto Magno. Ainda com Alberto, nos idos de 1248, Tomás parte para Colônia, onde ajuda o mestre a fundar um *Studium Generale* e, em 1250/1, é ordenado sacerdote. Seu magistério começará em 1252, quando, retornando a Paris, passa a lecionar: primeiramente, como *Bacharel Sentenciário*, e depois, a partir de 1256 a 1259, como *Mestre Regente de Teologia*.

Em 1260, Irmão Tomás é enviado a Nápoles para organizar os estudos da Ordem. O papa Urbano IV, em 1261, designa-o para ensinar em Orvieto. No ano de 1264, o mesmo Pontífice institui a festa do *Corpo de Cristo* (*Corpus Christi*) e pede a Frei Tomás que componha os hinos, as leituras e as orações, bem como a missa da Festa. O hino das *Vésperas* e o de *Laudes*, assim como o *Adoro te Devote*, foram adotados pela liturgia da Igreja e só vieram a cair em desuso após o Vaticano II.³ Em 1267, Clemente IV (Urbano IV havia falecido em 1264) convoca o Aquinate para participar de sua corte em Viterbo. Tomás volta a Paris em 1269 e aí leciona até 1272. Neste mesmo ano, retorna ainda à Universidade onde estudou quando jovem – Nápoles – na qual passa a exercer a regência em Teologia. Chamado para o Concílio de Lyon pelo Papa Gregório X, e fatigado por um trabalho realmente “sobrehumano”, morre a caminho do Concílio, no mosteiro de Fossanova.⁴ Rezam certas fontes que, no leito de morte, Frei Tomás ainda teria encontrado forças para comentar o livro do *Cântico dos Cânticos*; tal comentário, no entanto, nunca foi encontrado.⁵ Encerramos este pequeno itinerário, no qual procuramos dar a conhecer um pouco da vida de Tomás, com as últimas palavras atribuídas a ele. Tê-las-ia dito ao receber pela última vez o viático:

Recebo-te, preço da minha salvação; por teu amor estudei, vigiei, trabalhei; submeto ao julgamento da Santa Igreja tudo o que ensinei sobre o Sacramento do Corpo de Cristo e os outros sacramentos.⁶

demovê-lo. Até mesmo o recurso à sedução de uma mulher – que foi posta em fuga pelo jovem noviço dominicano com um tição retirado da lareira.”

³ *Idem. Op. Cit.* pp. 33 e 34: “Em 1264, Urbano IV instituiu a festa do Corpo de Deus (*Corpus Christi*), em honra do sacramento da eucaristia. Tomás, segundo a tradição, teria sido encarregado pelo papa de compor o ofício (hinos, leituras e orações) e a missa da festa. O hino de *Vésperas* (*Pange língua*) e o de *Laudes* (*Verbum supernum prodiens*), bem como uma outra composição atribuída a Tomás de Aquino e que não faz parte do ofício da festa do Corpo de Cristo (*Adoro te devote*), tornaram-se de uso freqüente na Igreja católica até o Concílio Vaticano II.”

⁴ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1**. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 211: “Convocado pelo Papa Gregório X a participar do Concílio de Lyon, morre em caminho, na abadia beneditina de Fossanova, ao sul de Roma, a 7 de março de 1274. Tomás de Aquino falece aos 49 anos, esgotado, segundo todos os indícios, por um trabalho verdadeiramente sobre-humano.”

⁵ NASCIMENTO. *Op. Cit.* p. 58: “Teria ainda Tomás comentado o *Cântico dos cânticos* para os monges de Fossanova, mas jamais se encontrou qualquer traço desse comentário.”

Passemos a analisar as suas obras mais significativas.

2. A obra

Sobre a obra de Tomás, é significativo o testemunho de seu maior mestre: Alberto Magno. Segundo conta a tradição, este lhe teria dado o apelido, muito instigante por sinal, de “*O Boi Mudo da Sicília*”. De fato, o mestre, ao perceber a genialidade do seu aluno de corpo avantajado e bastante introvertido, teria exclamado, entusiasticamente: “Nós o chamamos de Boi Mudo, mas um dia ele dará mugidos, com o seu ensino, que ressoarão no mundo inteiro”⁷. Com efeito, toda a obra de Tomás – salvo, talvez, a *Suma Contra os Gentios* – apresenta um caráter didático, que testifica a sua procedência do ensino e a sua destinação a ele.⁸ Todavia, esta perspectiva didática e escolar não elimina o caráter místico que perpassa o pensamento do Aquinate; é o que frisa Frei Reginaldo, dileto discípulo de Frei Tomás:

Todas as vezes que ele se punha a estudar, disputar, ensinar, escrever, ditar, ele recorria antes à oração, pedindo com lágrimas abundantes poder de penetrar os segredos da verdade. E freqüentemente esta oração produzia a clareza sobre questões das quais, anteriormente, ele não entrevia a solução.⁹

Digamos algumas palavras sobre as três principais obras de Tomás. As duas *Sumas*, segundo todos os historiadores, são os lugares privilegiados onde se deve buscar, antes de tudo, o primeiro contato com a doutrina de Tomás de Aquino. Acrescentaremos, ademais, o *Compêndio de Teologia*. Seguiremos a cronologia:

A. A *Suma Contra os Gentios* (1260 a 1264) era para ser apenas um manual de instruções posto a serviço dos missionários cristãos que iriam confrontar-se com as doutrinas filosóficas dos árabes. Entretanto, tal obra parece ter excedido à sua primeira destinação. Das

⁶ TOCCO, Guilherme. **Vita Sancti Thomae de Aquinatis**. c. 58, p. 132. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992. p. 58:

⁷ TOCCO. *Op. Cit.* c. 12, p. 77-78. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. *Op. Cit.* São Paulo: EDUSC, 1992. p. 15.

⁸ GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. p. 493: “Não há uma só das grandes obras de santo Tomás de Aquino, por exemplo, com exceção talvez da *Suma Contra os Gentios*, que não tenha sido diretamente concebida para o ensino.”

⁹ TOCCO. *Op. Cit.* c. 30. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. *Op. Cit.* São Paulo: EDUSC, 1992. p. 55.

grandes obras de Tomás, foi a única a que conseguiu pôr termo. Foi composta a pedido de Raimundo de Pena Forte, famoso canonista e confrade do Aquinate. A compreensão do “método” adotado é indispensável para a apreensão da teologia de Tomás de Aquino. Dividida em quatro livros, versam os três primeiros somente sobre aquelas verdades que a razão natural pode alcançar, e o quarto aborda unicamente os mistérios da fé. Eis, nas palavras do próprio Tomás, o plano da obra:

Pretendo proceder nesta obra conforme o método que nos propusemos, em primeiro lugar envidaremos esforços para o esclarecimento daquela verdade professada pela fé e investigada pela razão, apresentando argumentos demonstrativos e prováveis, alguns dos quais fomos buscar nos livros dos filósofos e santos, e pelos quais a verdade seja confirmada e o adversário, confundido (I, II e III). Em segundo lugar, partindo das coisas mais claras para as menos claras, procederemos, na manifestação da verdade da fé que exceda a razão, desfazendo as razões dos adversários e, declarando, mediante razões prováveis e de autoridade, a verdade da fé, na medida em que Deus nos auxilie.¹⁰

B. A *Suma Teológica* ou *Suma de Teologia* (1265 a 1274) é a obra-prima do Aquinate. Ela foi composta para os iniciantes em teologia, daí o seu caráter acentuadamente didático:

O doutor da verdade católica deve não apenas ensinar aos que estão mais adiantados, mas também instruir os principiantes, segundo o que diz o Apóstolo: ‘Como criancinhas em Cristo, é leite o que vos dei a beber, e não alimento sólido’. Por esta razão nos propusemos nesta obra expor o que se refere à religião cristã de modo mais apropriado à formação dos iniciantes.¹¹

Esta obra magna, porém, permaneceu inacabada. Alguns especialistas defendem que o chamado *Suplemento*, que se encontra na *Terceira Parte* da *Suma* (A *Suma de Teologia* é dividida em três grandes partes), foi organizado pelo discípulo mais próximo de Tomás, Frei Reginaldo Piperno, o qual teria apenas compilado trechos de outras obras do mestre, mormente do *Comentário às Sentenças*.¹²

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: Sulina, 1990. v.1. I, IX, 4 (55 e56).

¹¹ *Idem*. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I. *Prólogo*.

¹² NASCIMENTO. *Op. Cit.* p. 36: “Mais ainda, teria sido ele (Reginaldo de Piperno) quem compilou a parte final da *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino, conhecida como *Suplemento*, pois, como veremos, este deixou sua obra-mestra inacabada.” (O parêntese é nosso).

C. O *Compêndio de Teologia* (1272 a 1273), texto escrito no final da vida de Tomás, foi dedicado ao seu caríssimo aluno, o já conhecido Reginaldo de Piperno: “Para te transmitir, caríssimo filho Reginaldo, um compêndio da doutrina cristã de modo a tê-lo sempre diante dos olhos (...)”¹³. Esta obra, como a própria *Suma Teológica*, foi deixada inacabada. Na segunda parte, que versa sobre a esperança – o tratado constaria de três partes, que corresponderiam às três virtudes teologais (a fé, a esperança e a caridade) – os copistas acrescentam o seguinte testemunho: “Até aqui São Tomás de Aquino escreveu seu breve resumo da Teologia. Mas – ó como isso é doloroso! - antecipando-lhe a morte, deixou-o assim incompleto”¹⁴.

Passemos a considerar a relação entre Tomás e o Magistério.

3. Tomás e o Magistério

É significativo perceber que, ao longo de toda a *História da Igreja* do segundo milênio, o *Magistério* nunca deixou de recomendar a doutrina de Tomás como uma fonte de inesgotável sabedoria. Dela podemos acercar-nos com toda a confiança, certos de que nos achegamos às águas puríssimas da sã doutrina. Ouçamos alguns testemunhos, auferidos de declarações do *Magistério*, que evidenciam a reverência prestada pela Igreja à filosofia e à teologia de Tomás de Aquino:

Papa João XXII (1318): “Ele só alumina a Igreja mais que os outros Doutores; nos seus livros o homem aproveita mais em um ano que durante toda a sua vida”;

Papa São Pio V (1567): “A Igreja fez sua a sua doutrina teológica, por ser a mais certa e a mais segura de todas”;

Papa Leão XIII (1892): “Se se encontram Doutores em desacordo com Santo Tomás, qualquer que seja o seu mérito, a hesitação não é permitida; sejam os primeiros sacrificados ao segundo”;

Papa São Pio X (1914): “Se a doutrina de algum Santo ou de algum Doutor foi reconhecida por Nós, ou por nossos Predecessores, com louvores especiais, estando esses louvores unidos ao convite e à ordem de a retomar ou defender, facilmente se entende que foi

¹³ TOMÁS DE AQUINO. *Compêndio de Teologia*. 2ª ed. Trad. Odilão Moura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. *Introdução*, I, 1. p. 30.

¹⁴ *Idem. Ibidem*. III, X, 26. p 283.

recomendada na medida em que está de acordo com os princípios de S. Tomás de Aquino ou que a eles não se opõe de modo algum”;

Papa Clemente VIII: “Os livros de S. Tomás estão escritos sem nenhum erro”;

Papa S. Pio V: “A Doutrina de S. Tomás, pela qual iluminou a Igreja, é uma Regra certíssima da doutrina cristã”;

Código de Direito Canônico (c. 1366, 2º): “Os professores nas escolas de filosofia racional e de teologia, no ensino destas disciplinas para os alunos devem observar santamente o método, a doutrina e os princípios do Doutor Angélico”;

Papa Paulo VI: “É a primeira vez que um Concílio Ecumênico recomenda um teólogo, e este é precisamente S. Tomás de Aquino”;

Papa Paulo VI: “A Igreja quis reconhecer na doutrina de S. Tomás de Aquino, a expressão particularmente elevada, completa e fiel quer do seu Magistério, quer do 'sensus fidei' de todo o Povo de Deus; ... A Igreja confirmou com a sua autoridade a Doutrina de Santo Tomás, e serve-se dela como de um instrumento de grande eficácia, a ponto de o incluir, de algum modo, assim como e até mais do que qualquer outro de seus Grandes Doutores, no âmbito do seu próprio Magistério”;

S. Pio X: “A doutrina de S. Tomás foi sem interrupção recomendada pela Santa Sé”.¹⁵

Passemos a considerar a teologia propriamente dita do Aquinate

4. Tomás e a teologia

4.1. Deus como sujeito da teologia

Conta-se que o menino Tomás, oblato em Monte Cassino, teria perguntado a um abade: *Quem é Deus?* Pois bem, todos os comentaristas do pensador napolitano, são unânimes em dizer que a sua vida e a sua obra nada mais foram do que um esforço para responder a esta pergunta: “Tomás teria um dia perguntado: ‘Quem é Deus?’. Sua vida foi dedicada inteiramente, de ponta a ponta, a responder esta pergunta”¹⁶. Neste sentido, é particularmente

¹⁵ Nas citações do Magistério e do Código de Direito Canônico seguimos: MOURA, Odilão. **Prefácio à Exposição Sobre o Credo**. In: TOMÁS DE AQUINO. **Exposição Sobre o Credo**. 4ª ed. Trad. Odilão Moura. São Paulo: Edições Loyola, 1981. pp. 11 a 16.

luminoso, o *artigo sétimo da primeira questão da Suma Teológica*, onde Tomás coloca Deus como sujeito da teologia. Ao se perguntar se Deus é o sujeito da Teologia, responde sem pestanejar que sim, porquanto é sujeito de uma ciência aquilo do que essa ciência trata. Ora, a teologia, conforme indica a própria etimologia da palavra, pretende ser um discurso sobre Deus. Logo, o sujeito desta ciência é o próprio Deus.¹⁷ Por conseguinte, como teólogo, o ideal do Frade Dominicano não era outro senão contemplar a Deus para depois transmiti-lo aos outros.¹⁸ Os seus primeiros biógrafos narram que, no fim de sua vida, ao celebrar a Santa Missa, por ocasião da Festa de São Nicolau, Tomás teve um êxtase e comentou com o seu discípulo e confrade Reginaldo de Piperno: “Não posso mais; tudo o que escrevi me parece palha em comparação com o que vi (...)”¹⁹. De resto, alguns historiadores relatam outro sugestivo episódio, qual seja, que um dia, ao orar diante do crucifixo, este lhe teria falado: “Tomás, escreveste bem a meu respeito, que recompensa devo te dar por teu trabalho?”. Ao que o Aquinate teria respondido: “Senhor, nada mais que vós mesmo”²⁰. Estamos diante de um teólogo que tinha na contemplação mística a fonte primaz da sua ciência, vejamos como ele estrutura a sua sabedoria teológica.

4.2. *As duas teologias: a natural e a revelada*

Agora bem, existem, na concepção de Tomás, dois modos de conhecermos a Deus antes de vê-lo, face a face, na visão beatífica. Um é aquele pelo qual a razão, a partir das suas próprias faculdades, eleva-se a Deus por meio das coisas criadas; outro, é quando Deus mesmo, por sua libérrima vontade, propõe ao gênero humano certas verdades acerca da sua

¹⁶ NASCIMENTO. *Op. Cit.* p.60.

¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 1, 7, SC: “(...) o sujeito de uma ciência é aquilo que se fala nessa ciência. Ora, na ciência sagrada fala-se de Deus: daí seu nome teologia, discurso sobre Deus. Logo, Deus é o sujeito desta ciência.”

¹⁸ NASCIMENTO. *Op. Cit.* p.60: “Tomás queria saber quem era Deus e queria transmiti-lo aos outros – ‘contemplar a Deus e transmitir o que contemplou’, como ele próprio escreveu numa passagem célebre da Suma de teologia (IIª da IIª, questão 188ª, artigo 6º), que se tornou inclusive divisa da Ordem Dominicana.”

¹⁹ Testemunho de Bartolomeu de Cápua no processo de canonização em Nápoles, em M.- H. Laurent (ed.), *Fontes Vitae Sancti Thomae Aquinatis* (Saint – Maximin, 1934), fasc 4, nº 79, p. 376- 379. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. *Op. Cit.* São Paulo: EDUSC, 1992. p. 56.

²⁰ TOCCO, Guilherme. *Op. Cit.* c. 30. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. *Op. Cit.* São Paulo: EDUSC, 1992. p. 56.

vida íntima que excedem a razão natural e que são, por isso mesmo, propostas para serem cridas e não demonstradas.²¹

Ratificando, trata-se, no primeiro caso, da razão que ascende a Deus por meio das coisas criadas; no segundo, é Deus que se digna descer até nós por meio da revelação. Contudo, quanto ao *objeto material*, pode existir identidade entre estes dois modos de conhecimentos, porquanto ambos dizem respeito às coisas divinas; já no que toca ao *objeto formal*, existe uma diferença notável entre as duas ordens: no *conhecimento natural* sobre Deus, é o homem, através unicamente de suas faculdades naturais, quem chega a conhecer certas verdades acerca de Deus, e isto se dá por *via demonstrativa*; no conhecimento de Deus pela fé, é Deus quem propõe ao homem verdades que excedem ao intelecto humano e que, portanto, não podem ser demonstradas, mas devem ser *cridas*.²²

A estes dois modos de se conhecer a Deus, correspondem duas ordens de verdades conducentes às coisas divinas. Uma é aquela verdade que excede a capacidade da nossa razão. Por exemplo: o fato de Deus ser Trino; outra, é aquela verdade que a própria razão pode provar, é o caso da existência de Deus e da sua unicidade.²³ Ora, destas duas ordens de verdades, oriundas dos dois modos de conhecimento das coisas divinas que nos são acessíveis nesta vida, procedem, por sua vez, duas teologias. A primeira é a *teologia natural*, que a razão *elabora*; a segunda, é a *teologia revelada*, que parte do *dogma*.²⁴

No que concerne à teologia natural, trata-se da coroa da especulação metafísica e é o ápice do conhecimento humano.²⁵ De fato, toda filosofia, diz Tomás, encaminha-se para o conhecimento de Deus como para o seu fim último.²⁶ Agora bem, dois são os caminhos pelos quais os filósofos chegaram a saber algo sobre a essência divina: o primeiro consiste em

²¹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. IV, I, 5(3343): “Há, pois, três conhecimentos do homem referentes às coisas divinas: o primeiro, enquanto o homem mediante a luz natural da razão e pelas criaturas sobe até o conhecimento de Deus; o segundo, enquanto a verdade divina que excede o intelecto humano, desce até nós por revelação, não para ser vista como por demonstração, mas para ser crida como pronunciada por palavras (...).”

²² *Idem. Ibidem*. IV, I, 9 (3349): “Como a razão natural eleva-se ao conhecimento de Deus mediante as criaturas, mas como o conhecimento que temos de Deus pela fé, de modo contrário, desce mediante a revelação divina, resulta que a via de subida e de descida é a mesma.

²³ *Idem. Ibidem*. I, III, 2 (13): “Há, com efeito, duas ordens de verdades que afirmamos de Deus. Algumas são verdades referentes a Deus e que excedem toda capacidade da razão humana, como, por exemplo, Deus ser trino e uno. Outras são aquelas as quais a razão pode admitir, como, por exemplo, Deus ser, Deus ser uno, e outras semelhantes.”

²⁴ GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. p. 657: “Há, pois, duas teologias especificamente distintas que, se a rigor, não se continuam para nossos espíritos finitos, podem acordar-se e completar-se: a teologia revelada, que parte do dogma, e a teologia natural que a razão elabora.”

²⁵ TOMÁS DE AQUINO. *Ibidem*. I, IV, 3 (23). “(...) o grau supremo do conhecimento humano, que consiste no conhecimento de Deus.”

²⁶ *Idem. Ibidem*: “Como o trabalho especulativo de toda filosofia dirige-se para o conhecimento de Deus (...)”.

afastar de Deus tudo o que é próprio das criaturas: é a *via da negação* (*via remotionis*); o segundo consiste em atribuir a Deus, causa infinita de todas as perfeições encontradas nas criaturas, as perfeições puras que encontramos nelas de forma finita e parcial, realizadas: é o procedimento analógico.²⁷ Finalmente, o fundamento último de toda a teologia natural é a prova da existência de Deus. Sem ela, toda a abordagem sobre Deus que a razão elabora perde o seu sustentáculo.²⁸

Já no que toca à *teologia revelada*, deve-se dizer que ela é mais perfeita que a *teologia natural*. Com efeito, na teologia natural, que é parte da filosofia, consideramos primeiro as criaturas e, depois, Deus. Na *doutrina da fé*, acontece o contrário: considera-se primeiro Deus e, à luz de Deus, os seres criados. Assim sendo, a *doutrina sagrada* é superior à *teologia natural*, visto que por ela nos aproximamos mais da *ciência de Deus* que, conhecendo a si mesmo em sua essência, conhece também as criaturas, enquanto verifica que a sua essência é *participável*.²⁹

A ordem teológica apresenta ainda uma outra vantagem que, para longe de estorvar a filosofia, dá-lhe, antes, um toque de perfeição. Como vimos, a teologia natural parte da criatura para dela chegar ao Criador. Ora, isso equivale a dizer que ela parte do que é *anterior para nós* para aquilo que é *anterior de modo absoluto*. Neste sentido, a teologia sobrenatural obedece melhor à ordem do real: partindo de Deus, ela parte do que é *anterior de modo absoluto* para aquilo que é posterior, isto é, a criatura. De fato, se partimos das criaturas, isto se deve ao fato de o nosso intelecto ser finito, pois se obedecêssemos à ordem das coisas como de fato elas são, partiríamos primeiramente de Deus, princípio e fim de todas as coisas, para só então chegarmos às criaturas, que são os seus efeitos. Ora, quando a filosofia se

²⁷ GILSON. *Op. Cit.* p. 661-662: “Uma primeira maneira de proceder consiste em negar à essência divina tudo o que não poderia pertence-lhe. Afastando sucessivamente da idéia de Deus o movimento, a mudança, a passividade, a composição, acabamos por colocá-lo como um ser imóvel, imutável, perfeitamente em ato e absolutamente simples: é o caminho da negação. Mas podemos seguir um segundo caminho e procurar nomear a Deus a partir das analogias que subsistem entre as coisas e ele. Há necessariamente uma relação e, por conseguinte, uma certa semelhança entre o efeito e a causa. Quando a causa é infinita e o efeito finito, não se pode evidentemente dizer que as propriedades constatadas no efeito se encontram tais quais na causa, mas o que existe nos efeitos também deve preexistir em sua causa, qualquer que seja sua maneira de nela existir. Neste sentido, atribuiremos a Deus, mas elevando-as ao infinito, todas as perfeições de que tenhamos encontrado algum vestígio nas criaturas. (...)”

²⁸ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. I, IX, 6(57): “Entre as verdades que devem ser consideradas, acerca de Deus em si mesmo, deve ter precedência, como fundamento necessário que é de toda esta obra, o estudo da demonstração de que Deus existe. Se assim não se fizer, toda a explanação sobre as verdades divinas perderá o seu valor.”

²⁹ *Idem. Ibidem.* II, IV, 5(876): “(...) Com efeito, no ensino da filosofia, que considera as criaturas em si mesmas, e partindo delas vai ao conhecimento de Deus, consideram-se primeiramente as criaturas e, após, Deus. Mas na doutrina da fé, que não considera as criaturas senão enquanto ordenadas para Deus, primeiramente considera-se Deus e, após, as criaturas. E assim ela é mais perfeita, justamente por ser semelhante ao conhecimento de Deus que, ao se conhecer, vê as outras coisas em si mesmo.”

submete a ordem teológica, tem a possibilidade de obedecer àquela ordem que ela seguiria se o nosso espírito não fosse finito. Ademais, a filosofia, enquanto segue a ordem teológica, não precisa abdicar dos seus próprios métodos. A subserviência, aqui, consiste unicamente na ordem a ser seguida na exposição.³⁰

Embora distintas, a *teologia natural* e a *teologia revelada* não entram em desacordo. A ciência do aluno preexiste na ciência do mestre que o ensina.³¹ Ora, os *princípios naturalmente evidentes* foram infundidos em nós por Deus, porque Deus é o *criador da natureza*.³² Por conseguinte, tais princípios preexistem na *sabedoria divina*.³³ Destarte, tudo o que contrariá-los, contrariará, *ipso facto*, a sabedoria divina, e não pode estar em Deus.³⁴ Portanto, as *verdades da fé*, que recebemos também da sabedoria divina por meio da revelação, não podem entrar em desacordo com o nosso conhecimento natural, posto que também ele, em seus *primeiros princípios*, provém da sabedoria divina.³⁵ Passemos a analisar como Tomás concebe a teologia enquanto ciência

4.5. A teologia como ciência

Existe, diz Tomás, dois tipos de ciência: há aquela que retira os seus princípios da própria *luz natural da razão* e aquela que busca os seus princípios à luz de uma *ciência superior*. Ora, a sacra ciência, acentua Tomás, é uma ciência que toma os seus princípios da

³⁰ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 658: “(...) Acrescentemos que, mesmo do ponto de vista estritamente filosófico, essa solução apresenta vantagens. Supondo-se o problema total resolvido, fazendo-se como se o que é mais conhecido por si também o era no caso de nossos espíritos finitos, damos da filosofia uma exposição sintética cujo acordo profundo com a realidade não poderia ser posto em dúvida. Por isso mesmo, é o universo tal qual é, com Deus como princípio e como fim, que a teologia natural assim compreendida nos convida a contemplar. Vamos esboçar, pois, graças a essa inversão do problema, o sistema do mundo que teríamos, com todo rigor, o direito de estabelecer se os princípios de nosso conhecimento fossem, ao mesmo tempo, os princípios das coisas.”

³¹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. I, VII, 3 (44): “Além disso, na ciência do mestre está contido o que ele infunde na alma do discípulo (...)”.

³² *Idem. Ibidem*: “Ora, o conhecimento dos princípios naturalmente evidentes é infundido em nós por Deus, pois Deus é o autor da natureza.”

³³ *Idem. Ibidem*: “Por conseguinte, esses princípios (naturalmente evidentes) também estão contidos na sabedoria divina.” (O parêntese é nosso).

³⁴ *Idem. Ibidem*: “Assim também, tudo o que é contrário, a elas (princípios naturalmente evidentes) contraria a sabedoria divina e não pode estar em Deus.” (O parêntese é nosso).

³⁵ *Idem. Ibidem*: “Logo, as verdades recebidas pela revelação divina não podem ser contrárias ao conhecimento natural.”

própria ciência de Deus e dos bem-aventurados e, por isso, ela é a mais sublime de todas as ciências.³⁶

Passemos a considerar a teologia, na sua relação com a fé.

4.6. Fé e teologia

Podemos então trazer à luz outra distinção capital para o pensamento tomásico, a saber, a distinção entre *fé* e *teologia*. A fé é o *fundamento* da teologia, pois a teologia é a razão iluminada pela fé (*ratio fidei illustrata*).³⁷ Diferentemente do que acontece no *ato de fé*, no qual o fiel adere às verdades somente pelo fato de terem sido reveladas por Deus, em teologia o teólogo adere a elas não somente porque foram reveladas por Deus, mas também por apresentarem *razões verossímeis* e por haver um *nexo inteligível* entre elas.³⁸ Enquanto a fé se constitui como uma *virtude infusa*, a teologia se apresenta como um *dom adquirido*; a fé é sabedoria concedida pelo Espírito Santo; a teologia é sabedoria que se adquire pelo *estudo*.³⁹

Tal como os princípios de uma determinada ciência não necessitam ser demonstrados pela mesma ciência, que os toma: ou de uma ciência superior ou da própria luz da razão, visto serem *condição de possibilidade* da sua própria existência, assim também a fé, por estar para o crente como os primeiros princípios naturais estão para a razão, não precisa ser demonstrada pela teologia, que a toma como princípio procedente da própria ciência de Deus e dos bem-aventurados. Nas palavras de Pe. Chenu, a teologia é a fé com *status de ciência* (*statu*

³⁶ *Idem. Suma Teológica*. I, I, 2, C: “Mas existem dois tipos de ciência. Algumas procedem de princípios que são conhecidos à luz natural do intelecto (...) Outras procedem de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior: tais como a perspectiva, que se apóia nos princípios tomados à geometria; e a música, nos princípios elucidados pela aritmética. É desse modo que a doutrina sagrada é ciência; ela procede de princípios conhecidos à luz de uma ciência superior, a saber, a ciência de Deus e dos bem-aventurados. E como a música aceita os princípios que lhe são passados pelo aritmético, assim também a doutrina sagrada aceita os princípios revelados por Deus.”

³⁷ GEFFRÉ, Claude. *A Teologia como Ciência*. In: TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 132: “Assim, a luz que confere especificidade ao habitus da teologia não é a pura luz da fé, é a razão iluminada pela fé (*ratio fidei illustrata*).”

³⁸ *Idem. Op. Cit.*: “No entanto, quem diz teologia diz intervenção da razão, em virtude da qual o sujeito crente adere a tal verdade não apenas devido à Revelação divina, mas em virtude do vínculo inteligível descoberto entre tal verdade de fé e tal outra verdade de fé, ou entre tal verdade de fé e tal verdade natural.”

³⁹ *Idem. Op. Cit.*: “(...) Sto. Tomás distingue claramente o habitus da fé, que é infuso, do habitus da teologia, que é adquirido. Do mesmo modo, ele não confunde a sabedoria mística, que é um dom do Espírito Santo, com a sabedoria teológica, que é um saber adquirido.”

scientiae)⁴⁰, não somente enquanto é refletida pelo teólogo, mas também enquanto ela mesma é tomada por ele como de uma ciência superior.

Agora bem, algumas verdades que foram reveladas por Deus podem, de *per se*, ser conhecidas pela luz natural da razão. O Frade de Roccasecca dá a esta questão uma solução que se tornará a mais precisa no que tange à distinção entre fé e razão. Tal solução pode enunciar-se assim: uma verdade, pelo próprio fato de ser demonstrável pela razão, não é verdade de fé, mas verdade natural. Com efeito, a fé formalmente diz respeito somente àquelas verdades que são, *ipso facto*, indemonstráveis.⁴¹ Contudo, permanece o fato de que Deus também revelou verdades que, a princípio, poderiam ser conhecidas apenas a partir da razão. A esta aparente contradição, Tomás aduz vários motivos pelos quais julgou Deus ser conveniente revelar até mesmo aquelas verdades que poderiam ser alcançadas naturalmente. Dentre estes motivos, destaca-se: destas verdades depende a nossa salvação; ora, somente com muito labor alguns poucos homens conseguiriam chegar ao conhecimento delas e não sem mescla de erros; donde, para que todos tivessem acesso a estas verdades com mais rapidez e sem perigo de errar, Deus dignou-se revelá-las. São verdades de fé quanto ao modo, mas não quanto à essência.⁴²

Passemos à análise da relação entre teologia e apologética.

4.7. Teologia e apologética

Como vimos, há uma ordem de verdades reveladas que, embora quanto ao modo estejam reveladas, são naturalmente cognoscíveis. Destarte, nem tudo o que é revelado é

⁴⁰*Idem. Op. Cit.*: “Como diz Pe. Chenu, a teologia é a fé in statu scientiae.”

⁴¹ BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 451: “S. Tomás aduz uma razão mais terminante para distinguir entre as duas ordens de conhecimento: uma verdade clara e certamente conhecida deixa, ipso facto, de pertencer ao domínio da fé (...). Como lembra Agostinho, a fé visa precisamente àquilo que não está presente à razão, isto é, ao que lhe é inatingível. Por conseguinte, todo conhecimento racional, deduzido dos primeiros princípios, foge ao domínio da fé, porquanto se trata de objetos presentes ao entendimento, e por isso mesmo insuscetíveis de fé.”

⁴² TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 1,1, C: “Até mesmo com relação ao que a razão humana pode pesquisar a respeito de Deus, era preciso que o homem fosse instruído por revelação divina. Com efeito, a verdade sobre Deus pesquisada pela razão humana chegaria apenas a um pequeno número, depois de muito tempo e cheia de erros. No entanto, do conhecimento desta verdade depende a salvação do homem, que se encontra em Deus. Assim, para que a salvação chegasse aos homens, com mais facilidade e maior garantia, era necessário fossem eles instruídos a respeito de Deus por revelação divina.”

mistério exclusivo da fé. Ora, este fato abre as portas do cristianismo para o diálogo com os não crentes. Sendo assim, no confronto com os adversários da fé, é conveniente valer-se destas verdades demonstráveis contidas na revelação: seja para refutar os seus erros e persuadi-los da veracidade da fé cristã, seja para convencê-los da credibilidade da fé cristã.⁴³ Quanto à segunda ordem de verdades, qual seja, aquelas que excedem totalmente as nossas faculdades naturais, o procedimento deve ser outro. No que toca aos gentios, somente pela Bíblia pode-se tentar convencê-los da conveniência destas verdades transcendentais.⁴⁴ Já para os crentes, podem ser apresentadas algumas *razões verossímeis* no que toca a estas verdades, mediante as quais possam ser edificados.⁴⁵ No entanto, não seria adequado apresentar estas mesmas *razões verossímeis* aos adversários. Com efeito, agindo desta forma, poderíamos levá-los a pensar que cremos nestas verdades por razões tão frágeis, e isto, deveras, só confirmá-los-ia nos seus erros.⁴⁶ De fato, não cremos em verdades que ultrapassam o nosso entendimento a não ser que nos tenham sido reveladas por Deus.⁴⁷

Conclusão

Embora em si mesma a verdade primeira, que é o próprio Deus, seja simplicíssima, para nós, pela finitude do nosso espírito, é captada segundo duas ordens. A primeira ordem de verdades concernentes às coisas divinas é aquela que, partindo das criaturas, mediante uma elaboração da razão, chegamos até Deus. Ora, desta ordem de verdades nasce a *teologia natural*. A segunda ordem é aquela que, partindo do Deus que se revela, chegamos às suas *criaturas*, que conhecemos, desta feita, à luz da Sua revelação. Esta é a ordem da *fé*, a qual pertence a teologia revelada. Com efeito, ela é superior à anterior, porque se assemelha mais ao conhecimento de Deus que, conhecendo-se a si mesmo, conhece, em si, todas as coisas,

⁴³ *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, IX, 2 (52): “Deve-se proceder, na manifestação da primeira ordem de verdades, por razões demonstrativas, pelas quais o adversário possa ser convencido.”

⁴⁴ *Idem. Ibidem*. I, IX, 3 (53): “O único modo de se convencer o adversário da segunda ordem de verdades consiste no recurso à autoridade das Escrituras, confirmada pelos milagres.”

⁴⁵ *Idem. Ibidem*. I, IX, 3 (54): “Mas para que as verdades da fé sejam esclarecidas, devem ser apresentadas algumas razões verossímeis, que sirvam para o auxílio e exercício dos fiéis, não para convencer os adversários.”

⁴⁶ *Idem. Ibidem*. I, IX, 3 (54): “Realmente, a própria insuficiência dessas razões mais os confirmaria em seus erros, ao julgarem que nós assentimos à verdade da fé com razões tão fracas.”

⁴⁷ *Idem. Ibidem*. I, IX, 3 (53): “Ora, não cremos em verdades que excedem a capacidade da razão humana, a não ser que tenham sido reveladas por Deus.”

posto que a essência divina é participável. Ademais, a teologia natural, que é a coroa da metafísica e o ápice do conhecimento natural humano, quando obedece à ordem da teologia revelada, sem negar os procedimentos que lhe são próprios, eleva-se e torna-se mais perfeita, visto que, quando adotamos a ordem da teologia revelada, partimos do que é anterior de modo absoluto, Deus, para daí descermos às criaturas, que são os seus efeitos.

Além disso, deve-se dizer que a teologia revelada é, de fato, uma ciência. Não, decerto, como aquela ciência que parte dos próprios princípios da razão para daí inferir as suas conclusões, mas sim como aquelas que, partindo dos princípios adquiridos de uma ciência superior, deduz as suas próprias conclusões. De fato, como a geometria toma os seus princípios da matemática, a teologia recolhe os seus da ciência de Deus e dos bem-aventurados, que lhe são revelados nos dogmas.

A sabedoria teológica do Aquinate, portanto, não comporta apenas mistérios, mas também objetos demonstráveis unicamente pela razão, como é o caso da existência de Deus e da sua unicidade. Ora, isto a torna apta para entrar em diálogo com os não crentes. Por outro lado, a teologia de Tomás não se identifica com a *fé pura*, sequer quando estuda os *dogmas*. Com efeito, diferentemente do *ato de fé*, no qual assentimos às verdades divinamente relevadas tão somente em virtude da autoridade de Deus, em teologia, aderimos a estas mesmas verdades, não somente porque estas foram reveladas por Deus, senão também em virtude de elas próprias apresentarem razões verossímeis, que demonstram não serem contraditórias aos princípios naturais, e ainda por possuírem um nexó inteligível entre si.

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

CÁPUA, Bartolomeu de. **Testemunho no Processo de Canonização**. In: **Fontes Vitae Sancti Thomae Aquinatis** (Saint – Maximin, 1934), fasc 4, n° 79, p. 376- 379. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992.

GEFRÉ, Claude. **A Teologia como Ciência**. In: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 132.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995.

MOURA, Odilão. **Prefácio à Exposição Sobre o Credo**. In: TOMÁS DE AQUINO. **Exposição Sobre o Credo**. 4^a ed. Trad. Odilão Moura. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992.

TOCCO, Guilherme. **Vita Sancti Thomae de Aquinatis**. c. 58, p. 132. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992.

TOMÁS DE AQUINO. **Compêndio de Teologia**. 2^a ed. Trad. Odilão Moura. Porto Alegre: EDIPURS, 1996.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Trad. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: Sulina, 1990. v.1.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Trad. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. v. 2.

_____. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I. II.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1**. 2^a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.